



KnoWhy #572

Agosto 6, 2020



Por que Deus apoiou os nefitas em batalha?

“Agora, porém, vedes que o Senhor está conosco; e vedes que ele vos entregou em nossas mãos. E agora desejaria que compreendêsseis que isto nos acontece por causa de nossa religião e de nossa fé em Cristo. E agora vedes que não podeis destruir esta nossa fé. Ora, vedes que esta é a verdadeira fé em Deus; sim, vedes que Deus nos manterá e conservará e preservará enquanto formos fiéis a ele e a nossa fé e a nossa religião; e nunca permitirá o Senhor que sejamos destruídos, a não ser que caíamos em transgressão e renunciemos a nossa fé”

Alma 44:3–4

O conhecimento

A guerra moderna é um assunto complexo, muitas vezes envolvendo exércitos bem treinados, armas poderosas e estratégias complexas. A vitória é vista como resultado da habilidade militar: exércitos com os soldados mais habilidosos, as armas mais mortíferas e as melhores estratégias geralmente têm sucesso a longo prazo, embora a sorte, geografia e determinação também desempenhem um papel importante. A guerra na antiguidade, embora normalmente em menor escala, era tão complexa

quanto hoje. No entanto, no mundo antigo, não se pensava que a vitória fosse determinada apenas pelo poderio militar das grandes nações e impérios. O pensamento era de que havia um elemento sobrenatural ou divino na guerra e, em última análise, eram os deuses quem decidiam o destino dos conflitos militares.

Como explicou Stephen D. Ricks, “todo conflito no antigo Oriente Próximo ocorria sob a direção dos

deuses ou Deus. Os homens iniciavam uma guerra por ordem de, ou com a aprovação e ajuda dos deuses ou Deus [...] e os vencedores terminavam o conflito com agradecimentos e oferendas a suas divindades”.¹Ricks ilustra esse ponto usando os exemplos dos acadianos, egípcios e sírios.²Essa ideia certamente também era compartilhada por Israel e refletida no Velho Testamento, onde o Senhor é descrito como um guerreiro (Êxodo 15:3; Isaías 42:13). Os israelitas consultaram a Jeová sobre questões de guerra (ver Juízes 20:23, 28; 1 Samuel 14:37), e quando cumpriram Seus mandamentos, Jeová ajudava os israelitas em batalha (ver Josué 10:11; 24:12; 1 Samuel 17:45).³

Tal pensamento não se limitava ao Velho Mundo. Como observou John L. Sorenson, “a religião, ou adoração, era parte integrante do comportamento de guerra na cultura mesoamericana. A religião afetou todos os aspectos da guerra.”⁴De acordo com Lynn Foster: “Os maias travaram suas guerras sob a proteção dos deuses [...] Os deuses estavam presentes em todo o mundo maia e especialmente no campo de batalha.”⁵Outros pesquisadores explicaram que a guerra “era uma obrigação sagrada, vinculada aos seres que criaram o mundo”. A vitória “mostrava a todos que os deuses estavam do seu lado”.⁶

Os maias tinham maneiras de consultar os deuses em assuntos militares. Por exemplo, Sorenson observou que na Guatemala, os sumos sacerdotes nativos usavam “feitiçaria e encantamento” para determinar se um exército inimigo estava se aproximando e para onde levar suas tropas.⁷Entre os maias cachieques das terras altas da Guatemala, adivinhos especializados, eram enviados para consultar uma “pedra de adivinhação” sobre assuntos militares. “Aparentemente, as campanhas eram iniciadas ou adiadas dependendo da aparência, ou forma da pedra”.⁸Além disso, “estratégias de batalha foram formuladas por oficiais [...] que estavam imbuídos do espírito mágico dos deuses”.⁹Os cachieques se referiam a isso como um “poder divinatório, poder transformador”, e em suas tradições acreditavam que todos os grandes guerreiros possuíam esse poder.¹⁰

O porquê

“O Livro de Mórmon”, observou Ricks, precisamente “reflete uma ideologia sagrada de guerra semelhante àquela encontrada tanto em Israel quanto no Antigo Oriente Próximo”.¹¹Por exemplo, quando os exércitos de Morôni cercaram Zeraemna e os lamanitas, Morôni declarou: “Agora, porém, vedes que o Senhor está conosco; e vedes que ele vos entregou em nossas mãos” (Alma 44:3). Morôni demonstrou sua confiança ao dizer: “Deus nos manterá e conservará e preservará enquanto formos fiéis a ele” (Alma 44:4). “O sagrado era um elemento essencial da guerra no Livro de Mórmon, assim como era na antiga Israel e no Antigo Oriente Próximo”.¹²

Como observado acima, o divino ou sobrenatural era igualmente parte integrante da guerra na antiga mesoamericana, e o Livro de Mórmon também compartilha a afinidade com as práticas descobertas entre os maias. Por exemplo, os capitães nefitas, Zoram e Moroni consultaram Alma, o Sumo Sacerdote, sobre assuntos militares porque ele era conhecido por possuir o “espírito de profecia” (Alma 16:5–6; 43:23–24). Alma “inquiriu o ao Senhor” e recebeu revelação sobre para onde liderar os exércitos nefitas (16:6; 43:24). Alma pode ter usado os intérpretes nefitas (duas pedras tocadas pela mão de Deus) nesse processo, muito parecido com o uso de uma “pedra de adivinhação” pelos adivinhos cachieques.¹³Algumas gerações depois, tornou-se costume nomear diretamente aqueles que tinham “espírito de revelação e também de profecia” como os capitães-chefes de seus exércitos (3 Néfi 3:19), prática semelhante à dos maias, citada acima, de ter oficiais militares com um espírito ou poder divino dado pelos deuses.

No entanto, tanto no Livro de Mórmon quanto na antiguidade (Velho e Novo Mundo), a intervenção divina não se limitava a campanhas militares bem-sucedidas. O fracasso era tipicamente indicativo de desagrado divino. “Como os nefitas consultaram o Senhor antes de irem para a batalha, [e] esperavam sua ajuda [...] a partida do Senhor do meio de seus exércitos anunciou o desastre”.¹⁴Isso fica mais evidente nas terríveis cenas das últimas batalhas dos nefitas, nas quais Mórmon fornece uma descrição de seus pecados abomináveis e de sua falha em se voltar para Deus e se arrepender. Como resultado, o Senhor retirou seu apoio e os exércitos nefitas foram invadidos, levando finalmente à morte de seu povo (Mórmon 2–6).

“Sem fé, toda a jactância [dos nefitas] foi em vão: Deus não oferece nenhuma promessa de vitória aos exércitos que não ouvem sua palavra ou guardam seus mandamentos [...] A batalha final em Cumora simplesmente valida o princípio já dado aos antigos israelitas: por meio da guerra e dos ímpios, Deus punirá seu povo”.¹⁵Ricks observou que a aniquilação de Amonia, que ocorreu séculos antes, pode fornecer uma lição semelhante: “A implicação da história parece clara: enquanto aqueles que perseguem os justos (como os amonitas) sofrerão, aqueles que buscam o conselho dos profetas serão abençoados e protegidos”.¹⁶

Embora seja raramente considerada ou reconhecida na sociedade secular atual, a mão divina de Deus está tão envolvida nos assuntos mundiais e lamentáveis conflitos hoje, quanto na antiguidade. Desta forma, as histórias de guerra do Livro de Mórmon oferecem uma lição muito profunda e relevante: uma sociedade que rejeitou o Senhor e vive em iniquidade não pode esperar se beneficiar da proteção divina.

Obviamente, as sociedades de todo o mundo devem ter como prioridade evitar a violência e o conflito, sempre que possível. Mas, quando todas as outras opções falham e o conflito militar é inevitável, indivíduos e nações podem ser ainda mais protegidos ao viverem uma vida digna.¹⁷Invocar a proteção divina de Deus, que Ele deseja dar a todas as pessoas em todos os lugares, é certamente o melhor tipo de defesa nestes últimos dias, quando as profetizadas “guerras [e] rumores de guerras” estão se desenrolando diante de nossos olhos (Mórmon 8:30; cf. Mateus 24:6). Assim, quando todos buscarem sinceramente alinhar suas vontades com a vontade de Deus, a bênção final do Príncipe da Paz protegerá e os fará prosperar em toda parte.

Leitura complementar

Stephen D. Ricks, “Holy War”: The Sacral Ideology of War in the Book and in the Ancient Near East”, em *Warfare in the Book of Mormon*, ed. Stephen D. Ricks e William J. Hamblin (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e FARMS, 1990), pp. 103–117.

John L. Sorenson, *Mormon’s Codex: An Ancient American Book* (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Neal A.

Maxwell Institute of Religious Scholarship, 2013), pp. 387–389.



© Central do Livro de Mórmon, 2020

YouTube

Clique no link abaixo para assistir ao vídeo deste KnowWhy no YouTube:



<https://youtu.be/cdzvGQVObfc>

Notas de rodapé

1. Stephen D. Ricks, “Holy War”: The Sacral Ideology of War in the Book and in the Ancient Near East”, em *Warfare in the Book of Mormon*, ed. Stephen D. Ricks e William J. Hamblin (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e FARMS, 1990), p. 103.
2. Ricks, “Holy War”, pp. 103–105.
3. Ver Rick, “Holy War”, pp. 105–107 para um estudo mais detalhado dos dados bíblicos.
4. John L. Sorenson, *Mormon’s Codex: An Ancient American Book* (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Neal A. Maxwell Institute of Religious Scholarship, 2013), p. 387.
5. Lynn V. Foster, *Handbook to Life in the Ancient Maya World* (Nova York, NY: Oxford University Press, 2002), p. 155.
6. David Freidel, Linda Schele e Joy Parker, *Maya Cosmos: Three Thousand Years on the Shaman’s Path* (New York, NY: William Morrow, 1993), p. 323.
7. Sorenson, *Mormon’s Codex*, p. 388.
8. Judith M. Maxwell e Robert M. Hill II, trans., *Kaqchikel Chronicles: The Definitive Edition* (Austin, TX: University of Texas Press, 2006), p. 21. “The Wars of the Sotz’il and Tuquche” [As Guerras dos Sotzil e dos Tuquche], um documento do século XVI provavelmente baseado em “escritos históricos pré-contato tradicionais” (p. 17) menciona dois governantes com “poder divino” e um “grande adivinho”, ambos “foram conselheiros de guerra porque sabiam destruir barrancos” (p. 689).
9. Foster, *Handbook*, p. 155.
10. Maxwell e Colina, *Crônicas Kaqchikel*, 32; para exemplos de grandes guerreiros ou heróis militares com “poder divino, poder transformador”, ver pp. 165, 203, 588, 675, 689.
11. Ricks, “Holy War”, p. 107.
12. Ricks, “Holy War”, p. 115.
13. Matthew Roper, “Revelation and the Urim and Thummim”, em *Pressing Forward with the Book of Mormon: The FARMS Updates of the 1990s*, ed. John W. Welch e Melvin J. Thorne (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e FARMS, 1999), p. 281, observa que na Bíblia Hebraica, a frase “pergunte ao Senhor” é frequentemente usada para indicar o uso do Urim e Tumim, portanto, pode se referir ao uso dos intérpretes nessas passagens.
14. Ricks, “Holy War”, p. 109.
15. Ricks, “Holy War”, p. 110.
16. Ricks, “Holy War”, p. 113–114.
17. O tópico “Guerra”, Sempre Fiéis, disponível em churchofjesuschrist.org, fornece um resumo útil da posição da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias sobre a guerra nos tempos modernos.